

## ARNALDO JABOR

arnaldo.jabor@estado.com

SEGUNDA-FEIRA  
LÚCIA GUIMARÃESTERÇA-FEIRA  
ARNALDO JABORQUARTA-FEIRA  
ROBERTO DAMATTAQUINTA-FEIRA  
LUIS FERNANDO  
VERISSIMOSEXTA-FEIRA  
IGNÁCIO DE LOYOLA  
BRANDÃO  
MILTON HATUOMSÁBADO  
LAURA GREENHALGH  
MARCELO RUBENS  
PAIVA  
SÉRGIO AUGUSTODOMINGO  
VERISSIMO  
JOÃO UBALDO RIBEIRO  
HUMBERTO WERNECK  
FÁBIO PORCHAT

## “Passe livre” vale mais

“Eu sou um cão imperialista; eu sou o verme dos arrozais!” –, assim começava a autocritica de um alto dirigente chinês, creio que Peng Dehuai, por ousar criticar a Revolução Cultural de Mao Tsé-tung, que exterminou milhares de inocentes.

Talvez eu seja mesmo um “cão imperialista” porque, outro dia, eu errei. Sim. Errei na avaliação do primeiro dia das manifestações contra o aumento das passagens em SP. Falei na TV sobre o que me pareceu um bando de irresponsáveis pequenos-burgueses fazendo provocações por 20 centavos. Era muito mais que isso, apesar de parecer assim. Pois eu, “lacaio da direita fascista”, fiz um erro de avaliação.

Este movimento que começou outro dia tinha toda a cara de anarquismo inútil. E (quem acredita?) critiquei-o porque temia que tanta energia fosse gasta em bobagens, quando há graves problemas a enfrentar no Brasil. Eu falei em “ausência de causas” em “revolta sem rumo”.

Mas, a partir de quinta-feira, com a violência maior da polícia, ficou claro que o movimento expressava uma inquietação que tardara muito no País, pois, logo que eu comeci a escrever,

em 92 (quando muitos manifestantes estavam nascendo), faltava o retorno de algo como os “caras-pintadas” – os jovens derrubaram um presidente.

Mas não falo por justificar-me. Erros se explicam, mas não se justificam, como diziam no serviço militar. Portanto, errei.

Mas agora peço atenção (e uma pausa nos esculachos contra mim) aos jovens que me leem, para algumas linhas sobre este fenômeno que surgiu nas redes sociais e em milhares de “sacos cheios” por tanta paralisia política no Brasil e no mundo.

Hoje, eu acho que o movimento “Passe Livre” se expandiu como uma força política original, até mais rica do que os “caras-pintadas”, justamente porque não tem um rumo, um objetivo certo a priori. Assim, começaram vários fatos novos em países árabes, na Europa e USA. E, volto a dizer, que essa ausência de rumos é muito dinâmica e mutante. Como cantou Cazuzza: “As ideias não correspondem mais aos fatos”, que são, hoje, muito mais complexos do que as interpretações que eram disponíveis, entre progressistas e reacionários.

Como bem escreveu Carlos Diegues: “O movimento é importante porque talvez o mundo tenha perdido a esperança em mudanças radicais. Talvez porque a

‘revolução’ tenha perdido prestígio para a mobilidade social. Talvez por não nos sentirmos mais representados por nenhuma força política (...), os jovens do Movimento Passe Livre trazem agora para o Rio de Janeiro e São Paulo e outros Estados esse novo estilo de contestação, típico do século 21 – uma contestação pontual, sem propriamente projeto de nação ou de sociedade”. É isso.

## Errei na avaliação do primeiro dia das manifestações contra o aumento das passagens em SP

Não vivemos diante de “acontecimentos”, mas só de incertezas, de “não acontecimentos”. Na mídia, só vemos narrativas de fracassos, de impunidades, de “quase vitórias”, de derrotas diante do Mal, do bruto e do escroto.

O mundo está em crise de representatividade. Essa perplexidade provoca a busca de novos procedimentos, de novas ideologias, de uma análise mais cética diante de velhas certezas. E toda essa energia tem de ser canalizada para melhorar as condições de vida do Brasil, desde o desprezo com que se tratam os passageiros pobres de ônibus, passando pelo escândalo ecológico, passando pela velhice do Código Penal

do País, que legitima a corrupção institucionalizada. O importante nessas novas manifestações é que elas (graças a Deus) não querem explicar a complexidade do mundo com umas poucas causas em que se trancam os fatos.

Eu sei, eu sei que é difícil escapar do “ideologismo”; sei que a ideia de complexidade é vista como “frescura” e que macho mesmo é simplista, radical, totalizante. Mas, no mundo atual, a inovação está no parcial, no pensamento indutivo, em descobrir o Mal entranhado em aparências de Bem.

Sei também que é muito encantador uma luta mais genérica, a “insustentável leveza do ser revolucionário”, que cria figuras como os “militantes imaginários” que analisei outro dia. Estes jovens saíram da condição de torcedores por um time ou um partido e estão militando concretamente. O perigo é serem esvaziados, como foi “Occupy Wall Street”.

É fundamental que o Passe Livre se amplie e persiga objetivos concretos.

Tudo está parado no País e essa oportunidade não pode ser perdida. De um fato pequeno pode sair muita coisa, muito crime pode estar escondido atrás de uma bobagem. Os fatos concretos são valiosos. Exemplo: não basta lutar genericamente contra a corrupção. Há que se deter em fatos singulares e exemplares, como a terrível ameaça da PEC 37, que será votada daqui a uma semana e acaba na prática com o Ministério Público, que pode reverter as punições do “mensalão”, pode acabar até com o processo da mor-

te de Celso Daniel; fatos concretos como a posse do Feliciano ou o extraordinário Renan em suas duas horas de presidente da República. Se não houver “núcleos” duros dos fatos, dos acontecimentos presentes e prováveis, as denúncias caem no vazio abstrato tão ibérico e tão do agrado dos corruptos e demagogos.

Por isso, permito-me sugerir alguns alvos bons:

Descobrir e denunciar por que a Petrobrás comprou uma refinaria por US\$ 1 bilhão em Pasadena, Texas, se ela só vale US\$ 100 milhões? Por quê?

Por que a Ferrovia Norte-Sul, que está sendo feita desde a era Sarney, ainda quer mais 100 milhões para mais um trechinho. Saibam que na época, há 27 anos, a *Folha de S. Paulo* fez uma denúncia genial: botou na página de classificados um anúncio discreto em que estava o resultado da concorrência dois dias antes de abrirem as propostas. Claro que a concorrência era malhada. Foi um escândalo, mas continuou até hoje, comandada pela Valec, de onde o ex-diretor Juquinha, indesejavelmente filho do Sarney, supostamente teria tascado 100 milhões.

Por que as obras do rio São Francisco estão secas?

Por que obras públicas custam o dobro dos orçamentos?

Por que a inflação está voltando? Por que a infraestrutura do País está destruída?

Por quê?

## Visuais Bienal

## Lógica da acumulação

Nada de novo em Veneza, onde o público assiste a uma representação sombria da sua época

Sheila Leirner  
ESPECIAL PARA O ESTADO | VENEZA

Há 30 anos, o discurso de um curador não influiu muito na escolha dos artistas estrangeiros em bienais internacionais que dependiam dos países participantes. Hoje, comissários e curadores estrangeiros não só se mobilizam para seguir à risca as linhas preestabelecidas pelas instituições, como admitem a mundialização, chegando até mesmo a negar a representação de seus países como uma “unidade herméutica nacional”. É o caso da Alemanha, nesta Bienal de Veneza, que troca de pavilhão com a França e, além disso, apresenta os trabalhos de um chinês.

Vantagem ou desvantagem, o insucesso de uma Bienal não pode mais ser justificado, como antes, por envios inadequados. Assim, a 55.ª edição da Bienal de Veneza, fruto absoluto do olhar de Massimiliano Gioni, se divide, como a precedente, em duas partes principais: de um lado, uma exposição “de autor”, que conta com 150 artistas de 38 países e, de outro lado, 88 pavilhões nacionais, alguns recém-criados, todos em acordo com os preceitos do “Palácio Enciclopédico”. A isto se juntam 47 “eventos colaterais”, também aprovados pelo curador, alguns dos quais talvez mais importantes do que as exposições no Arsenal e dos “Giardini”.

Gioni debruçou-se principalmente sobre as imagens e o imaginário, inspirando-se nos institutos científicos da Renascença, que queriam juntar a bicharada



Vale tudo. Arte e não arte habitam mostras sem nenhuma hierarquia



História e memória. Anedótico impera nesse remake atrasado

empalhada e os fósseis do mundo conhecido. Não é difícil imaginar que ele tenha conseguido, de fato, apesar de alguns disparates, uma certa unidade conceitual dentro desta “lógica da acumulação” que marca a exposição.

Mas as suas ideias não são originais e o parti pris, embora bastante afirmativo, é um pouco desonesto. Não é novidade o interesse e a paixão que as criações externas à arte exercem sobre os artistas: este é, até mesmo, um dos princípios fundamentais da

arte do século 20, inúmeras vezes recuperado em centenas de exposições, desde os anos 60 até hoje. Depois das Bienais de São Paulo dos anos 80 (Art Brut na 16.ª, A Grande Coleção e o gabinete de curiosidades na 19.ª), da mostra *Les Magiciens de la Terre*, entre outras mais recentes, a cenografia veneziana não é mais do que um atrasado remake.

Também não há nada de inovador no “revival” como ponte de ligação entre o presente e o passado. Nem se for o “revival do

revival”, como é o caso. Algumas de nossas bienais e várias Documentas nos anos 70 e 80, a partir da que foi organizada por Rudi Fuchs, utilizaram explicitamente a mesma estratégia. Sem falar nos próprios movimentos estéticos “neoclássicos” pós-modernos, que floresceram na pintura e arquitetura daquela época.

A “retromania” geralmente se instala quando o presente é incompreensível e insatisfatório. As “curiosidades” também. O problema é que quando se olha o passado ou quando se observa uma vitrina de raridades, fica-se de fora. É por isso que, ao contrário da última Documenta, na Bienal de Veneza o espectador raras vezes é participe. Diante dos objetos, instalações, pinturas e vídeos que compõem esta “enorme peça de teatro que deve dizer o seu tempo”, como afirma o curador, o público é apenas testemunha da procura individual dele e espectador remoto de uma representação crítica e sombria da sua época.

De camarote e, não raro com perplexidade, assistimos a um certo oportunismo. Vemos o jovem gladiador Gioni escondendo-se por trás da armadura do enciclopedismo, pois na enciclo-

pédia não há escolha nem partido. Tudo entra e tudo vale. De par com a “globalização”, ele empunha obras de autodidatas, anônimos e “não artistas” da mesma maneira como o faz com os trabalhos de “profissionais” reconhecidos e vedetes do mercado.

No seu “Palácio” habitam igualmente, sem qualquer hierarquia, arte e não arte, erudição e primitivismo, obsessão e sistema, delírio e ordenação, loucura e cultura. Ocorre também muita coleta de pequenos gestos cotidianos cooperativos decorativos, o que parece ser uma nova moda ou acadêmico. Há até mesmo o “antienciclopédico”, obstruções que nada têm a ver com os domínios do conhecimento. Além de algumas obras francamente execráveis, como as de Pawel Althamer, que não sabemos o que fazem lá. O anedótico impera.

O já muito visto e dito sobre “energia cósmica”, “enraizamento da identidade” e “simbologia esotérica” reaparece em abundância. Tanto no pavilhão da Itália, que se abre com a má-

cara mortuária de André Breton, como na mostra que se encontra no Arsenal, que começa com a maquete do autodidato Marino Auriti (1891-1980) que dá o nome à Bienal.

Veem-se desenhos da Melanésia, estandartes vodú, Bispo do Rosário, pedras da coleção de Roger Caillois, o *Livro Vermelho* de C. G. Jung, Rudolf Steiner, fundador da antroposofia, Aleister Crowley, místico e guru, Augustin Lesage, o mineiro espírita, Anna Zemankova, a visionária. Isso sem falar em centenas de obras e na seção entregue a Cindy Sherman, onde estão os “grandes antigos” do surrealismo.

O melhor encontra-se nos pavilhões nacionais. Porém, em sua totalidade, a Bienal fala apenas de história e memória. E revela paradoxalmente, no final, que o verdadeiro saber humano universal não se forma a partir de uma coleção exaustiva e aleatória de objetos. As pessoas o carregam (e decantam) dentro de si em virtude de suas escolhas e experiências. Jamais graças a enciclopédias.

A ‘RETROMANIA’ SE INSTALA QUANDO O PRESENTE É INCOMPREENSÍVEL